

INTERVIEW

Linguística de Corpus e ensino de línguas: uma entrevista com Ana Frankenberg-Garcia

Larissa Goulart¹, Marine Laísa Matte²

¹ Northern Arizona University, Arizona, USA.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

A ENTREVISTADA

Ana Frankenberg-Garcia é professora na Universidade de Surrey, no Reino Unido desde 2013, onde atua como professora em Estudos de Tradução e diretora do Programa de Mestrado em Tradução. Sua pesquisa aborda temas relacionados à interface entre a Linguística de Corpus e a tradução, lexicografia e o ensino de língua inglesa. Ana foi responsável pela criação do [COMPARA](#), um corpus paralelo do Português e do Inglês que conta com 3 milhões de palavras. Em 2017, a professora esteve no Brasil participando de diversas conferências. Em agosto, entre os dias 17 e 18, participou do XIV Encontro de Linguística de Corpus, oferecendo um workshop sobre a ferramenta Sketch Engine. Em 21 do mesmo mês, esteve presente no I Encontro Internuclis do Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) da Região Sul, em que ministrou a palestra intitulada *How can language learners benefit from corpora (or not)*. No dia 22 de agosto, na Universidade de São Paulo, foi convidada a apresentar o trabalho *Utilizações da ferramenta Sketch Engine na prática da tradução*.

1. Quando e como começou o seu interesse pela Linguística de Corpus (LC)? Há quanto tempo você trabalha com LC?

O meu interesse pela Linguística de Corpus (LC) surgiu muito antes de eu começar a trabalhar com essa ferramenta. A primeira vez em que eu ouvi falar em LC foi durante meu mestrado na Universidade de Edimburgo. Na época, o John Sinclair, um dos maiores pesquisadores de LC, fez uma palestra na universidade em que eu estava estudando, apresentando o dicionário Cobuild. Esse dicionário fora criado usando ferramentas da LC e eu fiquei fascinada com o resultado. Depois da palestra, falei para mim

Corresponding Author:

LARISSA GOULART
<lg845@nau.edu>



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International license, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original publication is properly cited.
<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

mesma: “um dia eu tenho que fazer a mesma coisa para o Português, seria maravilhoso!”. No entanto, nesse período, eu estava fazendo o mestrado, e depois o doutorado em outra área, e esse meu fascínio pela LC ficou em segundo plano.

Mais tarde, em 1999, fui a uma conferência na Universidade Católica de Louvain (UCL), na Bélgica, organizada pela Sylviane Granger. Nessa conferência, eu apresentei um pôster sobre o potencial da LC nas aulas de tradução aplicado à língua portuguesa, ou seja, na tradução do inglês para o português. Na UCLouvain, conheci pesquisadores que trabalhavam com um software de corpora paralelo, chamado *Multiconcord*, que fazia alinhamento por parágrafo. Quando eu voltei para Portugal, uma colega minha, que era tradutora do Parlamento Europeu, me deu uma disquete 3^{1/2} com os discursos originais em inglês do Parlamento e as traduções realizadas por ela para o português. Através desses textos, eu consegui compilar o meu primeiro corpus paralelo. De imediato, comecei a utilizá-lo nas minhas aulas de tradução. Tendo em vista meu fascínio e interesse pela LC, solicitei uma bolsa de pós-doutorado do governo Português e fui para Oxford, onde passei um ano estudando LC e comecei a criar o corpus COMPARA, que já referi.

2. Pensando na integração entre LC e ensino de línguas, de que forma a LC está presente na elaboração de materiais didáticos e nos conteúdos programáticos de cursos hoje em dia? De que formas você acredita que esse potencial poderia ser explorado?

A LC já está bastante presente nos materiais didáticos de Língua Inglesa, principalmente graças a Cambridge University Press que investiu muito em materiais didáticos baseados em corpora e, de certa forma, às outras grandes editoras como a Collins, a Oxford e a Longman. Além disso, a LC está presente hoje em dia em todos os dicionários pedagógicos do Inglês. Para as outras línguas, eu não sei se existe o mesmo investimento em pesquisa e produção de materiais. Para o Português, posso dizer que o investimento é muito menor. Pensando no potencial da LC para a produção de materiais didáticos, eu acredito que não é nos materiais pré-fabricados que esse potencial se encontra, mas sim na adaptação dos materiais existentes à realidade do dia-a-dia das escolas. Dito isso, os corpora ajudam a criar materiais específicos para as necessidades dos nossos alunos.

3. Em termos práticos, qual é o espaço da LC na sala de aula? Quais são os benefícios do uso da LC para os professores?

Na minha opinião, a LC entrou em sala de aula de forma desacertada, pois professores e pesquisadores partiram da LC para então levá-la aos alunos, mas, ao meu ver, o movimento teria que ser inverso. Eu acredito que o uso da LC para o ensino de línguas deveria partir das questões que emergem em aula, para então verificar de que forma a LC pode ajudar na prática. Então, a grande questão não deve ser “o que um professor pode fazer para a LC?”, mas, sim, o contrário: “o que a LC pode fazer para um professor?” Nos contextos de ensino de línguas, nós temos que continuar ensinando o básico, isto é, ler, escrever, falar e entender. A LC tem um espaço para

contribuir em cada uma dessas áreas, mas o ideal não é começar construindo um corpus, para só então ver o que é possível fazer com esse conjunto de textos no ensino. Por exemplo, se os nossos alunos precisam escrever um texto sobre determinado assunto, como podemos ajudá-los a enriquecer o seu vocabulário sobre o tema usando corpora? Nós, professores, temos que entender isso.

4. E em relação aos alunos, de que maneira esses podem utilizar a LC de forma autônoma? Existe alguma ferramenta que é interessante o professor apresentar aos alunos?

Para leigos, dizer “linguística de corpus”, “concordância”, ou “colocação” pode assustar. Uma solução seria dizer: “olha que legal essa ferramenta que ajuda na escrita de textos que eu encontrei na internet”. Nesse caso, a minha ferramenta preferida para o inglês é o [SkELL](#) (*Sketch Engine for Language Learning*), que é um corpus com uma interface de pesquisa feita para leigos, sendo, por isso, bastante simplificado. As concordâncias e as colocações são filtradas, não sugerindo exemplos de usos de Inglês que sejam pouco utilizados. Estou falando de um corpus pedagogicamente adequado ao aluno, que não precisaria ter conhecimento de LC para se beneficiar do corpus. Essa ferramenta é interessante até para professores que não queiram se aprofundar nos estudos sobre LC, ou para qualquer pessoa com interesse mínimo em línguas. O SkELL existe para o Inglês e, recentemente, foi criado o SkELL para o Alemão e Italiano. Espero que essa ferramenta seja ampliada para outras línguas, como o Espanhol e o Francês e Português, em um futuro próximo.

5. Sua trajetória acadêmica sempre esteve muito vinculada à tradução e à produção de dicionários. Como você enxerga a sala de aula de línguas em relação ao uso de dicionário? Como o seu manuseio pode ajudar o desenvolvimento linguístico dos aprendizes?

Eu acredito que hoje em dia, os dicionários são ferramentas subutilizadas. A maioria das pessoas, mesmo aquelas que trabalham com língua, não conhece as diversas possibilidades de uso dessa ferramenta, ou seja, de uma modo geral, as pessoas não sabem usar dicionários e acabam aproveitando somente a ponta do iceberg: consultam o dicionário para procurar um significado ou uma tradução, mas não sabem que essa ferramenta pode ajudar a encontrar a palavra certa para diferentes contextos. Para muitas dúvidas que surgem, vou primeiro a um dicionário e só utilizo um corpus quando não encontro a resposta àquilo que eu preciso em um dicionário. Além disso, como existem, pelo menos para a língua inglesa, vários dicionários baseados em corpora, a informação está toda esmiuçada, concentrada em apenas um lugar. Na sala de aula, eu acredito que tenha que ter mais estímulo ao uso do dicionário. Por exemplo, quando um aluno faz uma pergunta, o professor não precisa responder à pergunta no mesmo instante, mas pode encontrar meios de ensiná-lo a obter a resposta em um dicionário ou em um corpus, nos casos em que a resposta não está em um dicionário. Assim, com algumas demonstrações de como deve fazer, o aluno vai ser capaz de fazer esse trajeto por conta própria no futuro.

6. Comente um pouco sobre as possibilidades de pesquisas interdisciplinares da área de LC.

Todos que trabalham com a língua escrita, com análise textual ou com o texto podem se beneficiar da LC, seja nas Ciências Sociais, no Turismo, na Psicanálise, etc. Na política, por exemplo, é possível analisar um determinado discurso usando as ferramentas da LC. A LC é por definição interdisciplinar, porque não é uma disciplina, é uma metodologia, é uma forma de ver o texto e de descobrir interpretações que não seriam possíveis fazendo uma leitura linear de um texto. Não digo que para a Matemática seja útil, mas para as Ciências Sociais, Política, Psicanálise, História, as possibilidades são infinitas e tenho pena que as pessoas conheçam a LC tão pouco. Na minha opinião, deveria haver mais interação entre as diferentes áreas do conhecimento e a LC.